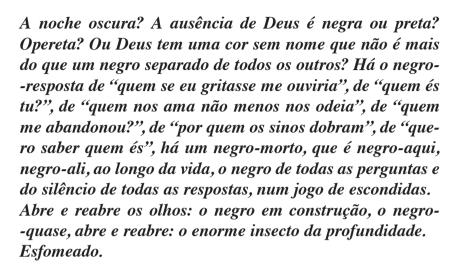


Não se perder no "coração das trevas", mas no íntimo do negro: às trevas, regressa-se descendo ou subindo o grande rio, viagem à estranheza que somos para o que nos rodeia: a nossa própria estranheza. O mal está nos olhos abertos que outros olhos olham, o mal é a reciprocidade, essa procura frustrada do semelhante, de um semelhante que foi perdendo o reconhecimento e transformou em peças tudo o que o rodeava, peças para as quais tinha unicamente os poucos nomes de uma semelhança quase esquecida. A morte já nem sequer lhe era familiar, mas um objecto, no interior da cabana ou no terreiro desbastado à volta dela, onde por vezes tropeçava. Ou todos os objectos eram a morte? As trevas tinham afinal a luz que aquele que subia ou descia o rio procurava. Mas o negro não tem uma luz que nos indique que chegámos ou que vamos a caminho, não se viaja ao "coração do negro", não nos aproximamos dele, estamos ou não estamos nele, não se aprofunda, muda-se de negro: há o negro do cabide e o negro do fato pendurado, há o negro do bengaleiro e o negro da faia, e o negro da sombra da faia, há uma paleta de negros: escolhe o teu negro, mas não te equivoques, passas somente de um a outro, qualquer vida passa, não é uma metáfora: és tu e aquilo em que te hás-de

8 Rui Nunes

tornar. Não serás o último nem o primeiro, unicamente um dos muitos negros de uma história qualquer. Abres um livro e vês um rectângulo negro, fecha-lo e voltas a abri-lo: o negro escorre pelos azulejos de uma parede, mas o que ainda podes dizer é: o negro-tinta escorre pelo negro-azulejo. Aos diferentes negros damos diferentes nomes, para que haja desertos e florestas, oceanos e rios, e folhas secas de castanheiro, o negro-único dos olhos de quem amas, e o negro-luto que afinal é um negro entre muitos negros, porém trevas só as há no homem, são a sua "humanidade", é preciso transformá-las em negro, talvez assim o olhar dos homens se torne habitação, ou seja, chegar e partir e querer regressar, o negro das coisas são metástases das trevas? ou as trevas são metástases do negro das coisas? Não sei. Também ouço falar do verde das árvores, e do azul do mar, e do ocre das falésias, e da cor de alguns olhos, não sei, talvez as trevas sejam afinal o negro-trevas, talvez, talvez nada escape ao negro, nem sequer as trevas, escapar aqui não é fugir, significa somente que tudo é, quando fechamos obstinadamente a boca imobilizamos cada negro no seu sítio, e ele torna-se espesso, afunda-se até ser o negro-espessura: cautela, não tropeces nele e caias, na verdade o que nos querem dizer é: fala, fala, para não te desequilibrares e caíres, olha um gato preto: murmura alguém a teu lado, e de súbito descobres que não há gatos negros, não há o negro-gato, há o preto-gato, e continuas a conversa interrompida: afinal alguma coisa escapou, o preto-gato é furtivo e mimético: confunde-se com o negro por onde passa, às vezes esconde--se nele, isto é, imobiliza-se e desaparece, ou será que cada negro alberga o seu preto-gato? será que aquilo que existe é o preto-gato e não o negro?, e o velho deitado na cama começa a rir, leva a mão à boca para tapar a falta de dentes, e ri contra o côncavo da pele que fica molhada de cuspo, está a rir de quê? : pergunta a enfermeira, e o negro-Deus?







•

Trouxeram-no para este quarto, e foram reconstruindo peça a peça a sua vida: primeiro um saco de plástico cheio de líquido amarelado, depois um tubo, uma agulha espetada nas costas da mão, adesivos no peito e nos pulsos, uma mola no dedo indicador, uma máscara, uma botija. Cada objecto que lhe acrescentavam era como se lhe aspirassem do corpo um pedaço daquilo a que se chama vida, e assim, pouco a pouco, a sua vida foi passando para instrumentos precisos e sem equívoco: uma exuberância, quase um luxo.

Ou moscas esvoaçando sobre a cabeça apodrecida de um peixe?

:

O grande bode ocupava.

:

Não pode levantar-se, abrir a janela. E saltar. A sua vida rodeia-o. Prende-o. E obriga-o. A ficar deitado na cama, a ver, pingo a pingo, o soro espesso a desprender-se do saco, a bater na parede de plástico do tubo, e a escorrer gorduroso por ela: está prisioneiro da sua vida, se se mexer, os eléctrodos arrepanhar-lhe-ão a pele, as agulhas mover-se-ão na carne, os sons aumentarão de volume, aflitos, e uma máscara aparecerá à porta: que é isto? sente-se bem?, atravessará o

quarto, ajeitará fios, verificará fichas, o volume de soro no saco enrugado, e por fim alisará a dobra lisa do lençol.

:

Este é o tempo em que as sombras não têm uma mão que as guie, nem um cão que as guarde.

Vagueiam.

Misturam-se.

Quem é?

Quem é quem?

•

Corre. Veloz, dissolve-se na rapidez.

:

Escorregava ao longo do tronco da gamboeira, os pés tocavam a lama do curral.

O grande bode não se mexia.

Deus desmoronara-se sem que ele se tivesse apercebido, se calhar Deus nunca lá estivera,



